



Menelik II e Hailé Selassié I: a luta etíope pela conservação da independência

Menelik II and Hailé Selassié I: the Ethiopian fight for the conservation of independence

Alessandro Martins Gomes

Doutorando em Estudos Clássicos: Mundo Antigo na Universidade de Coimbra, Portugal. Mestre em Teologia nas Faculdades EST. Especialista em História Antiga e Medieval pela Faculdade de São Bento do RJ e em em História do Império Português na Universidade Nova de Lisboa, Metodologia do Ensino de História e Geografia e História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes. Bacharel em Direito pelo UBM, Teologia nas Faculdades EST e História pela Estácio de Sá. Volta Redonda/RJ, Brasil. E-mail: alessandromartinsgomes@hotmail.com

Resumo:

A proposta do artigo é analisar o processo de resistência da Etiópia pela conservação da independência entre fins do século XIX e início do século XX, mais especificamente durante o reinado de Menelik II e Haile Sellasie I. A pesquisa é de revisão bibliográfica baseada em obras importantes sobre a história de África. A relevância da pesquisa está na importância de se ter uma visão mais imparcial, menos preconceituosa e mais aprofundada da história de África, a par de muitos preconceitos que foram criados a partir dessa história. A pesquisa está dividida em quatro momentos. Num primeiro momento, analisaremos o reinado de Menelik II e a corrida imperialista à África, passando pela partilha de África e os casos Etiópia/Libéria. Num segundo momento, faremos um exame sobre o tratado de Adis Abeba e a anulação do tratado de Wuchale, perpassando sobre a complexa questão das duas versões deste último tratado e da divergência de sua interpretação entre as línguas amárica e italiana. Num terceiro momento, analisaremos o reinado de Haile Sellasie I, o sucessor de Menelik II, na busca pela modernização de Etiópia. Para finalizar a referida pesquisa, faremos uma conclusão com um posicionamento em relação às lutas de libertação pelas quais passou a Etiópia e a sua resistência ao colonialismo europeu. Dessa forma, a África é uma sociedade como todas as outras, e, portanto, não é estática, e que ainda percorre um caminho em construção ainda não totalmente consolidado.

Palavras-chave: África. Menelik II. Haile Sellasie I. Corrida imperialista à África.

Abstract:

The purpose of this article is to analyze the path taken by nationalist movements and liberation struggles in the search for the construction of states in Africa, with an emphasis on the case of Ethiopia. The research is a bibliographical review based on important works on the history of Africa. The relevance of the research lies in the importance of having a more unbiased, less prejudiced and more in-depth view of African history, along with many prejudices that have been created from this history. The research is divided into four moments. In a first moment, we will analyze the reign of Menelik II and the imperialist race to Africa, through the sharing of Africa and the Ethiopia / Liberia cases. In a second moment, we shall examine the treaty of Addis Ababa and the annulment of the Treaty of Wuchale, concerning the complex question of the two versions of this last treaty and of the divergence of its interpretation between the American and Italian languages. In a third moment, we will analyze the reign of Haile Sellasie I, the successor of Menelik II, in the search for the modernization of Ethiopia. To conclude this research, we will conclude with a position on

the liberation struggles that Ethiopia has experienced and its resistance to European colonialism. In this way, Africa is a society like all the others, and therefore, it is not static, and that still walks a road in construction not yet fully consolidated.

Keywords: Africa. Menelik II. Hailé Selassié I. Imperialist race in Africa.

Considerações iniciais

O presente ensaio visa trilhar um caminho dos movimentos nacionalistas e lutas de libertação em busca da construção dos Estados nacionais em África, mais especificamente em Etiópia.

Em primeiro lugar, analisaremos o governo de Menelik II em Etiópia, perpassando pela presença de nações europeias em África, pela ideologia colonial europeia e com destaque dado à Etiópia, por ser juntamente com a Libéria, os únicos países que conseguiram se manter independentes diante do processo de colonização.

Em segundo lugar, analisaremos as controvérsias em torno do Tratado de Wuchale nas suas duas versões em amárico e italiano, sua anulação com a derrocada italiana na Batalha de Adwa, selando a paz entre ambas as nações com o Tratado de Adis Abeba.

Em terceiro lugar, analisaremos o governo de Hailé Selassié I e como prosseguiu com as ideias de Menelik II tanto no âmbito de modernização do país quanto no de força e resistência na luta pela manutenção da independência na Etiópia.

Concluindo, mostraremos como esses dois imperadores foram importantes na luta etíope pela construção de sua nação e como a história da Etiópia destacou-se em África por conseguir manter-se independente diantes de tantas lutas e invasões.

1. O reinado de Menelik II e a corrida imperialista à África

Tratando-se de África, podemos dizer que a colonização se iniciou com os descobrimentos das Ilhas Canárias pelos portugueses no início do século XIV, e o processo de ocupação territorial e exploração de África pelos países europeus estende-se até meados do século XX. Assim, na passagem do século XIX para o século XX, inicia-se o neocolonialismo com a “corrida à África” e a expansão do capitalismo industrial. O que aqui mais nos interessa é a expansão portuguesa que se inicia com a tomada de Ceuta em Marrocos, conforme indicado por Seabra¹. Apesar de a África estar inserida nos intercâmbios internacionais com troca de produtos desde o século XVI, em 1895 suas exportações representavam apenas 0,1% do comércio internacional. Porém, a necessidade de mão de obra para o Novo Mundo levou à intensificação da exportação de mão de obra escrava. Mas foi a partir da abolição da escravatura no Brasil que o processo de industrialização levou alguns países europeus à

¹ SEABRA, Jorge. *África nossa: o império colonial na ficção cinematográfica portuguesa (1945-1974)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 31.

uma nova era colonial moderna, que “conduzirá à divisão de África pelas potências coloniais da época”².

Durante muito tempo a África Negra permaneceu envolta em mistério e intransponível pela barreira do Saara, embora seja berço das civilizações mais antigas do mundo. Ainda se vê uma imagem da África resumida em florestas habitadas por animais selvagens. Na Antiguidade, nem o Egito nem Roma ultrapassaram essa barreira, pois “até ao século IX da nossa era, o deserto foi para a África branca mediterrânica um obstáculo tão temível como as tempestades do Atlântico”. Os árabes conseguiram atingir a Nigéria e o Islã até a costa da Guiné, “mas, ninguém aportou à costa da Guiné antes dos Portugueses no século XV”, e, “a aparição dos portugueses inverteu as correntes comerciais”, que antes se dirigiam ao Sul, passaram a deslocar-se do Sudão para a costa”³.

A ideologia colonial europeia perpassava em levar o modelo europeu de civilização aos povos que eles consideravam mais atrasados, para que os povos de outras raças, que para os europeus eram inferiores, também pudessem atingir esse patamar de evolução humana. Inicialmente, a colonização se fazia através da fixação de colonos nas colônias com controle político, anexação de territórios e também com a perda da soberania do território colonizado, podendo citar aqui diversos marcadores dessa situação:

A desigualdade relacional e a descontinuidade territorial entre o país colonizador e o país colonizado, a disjunção cultural e social entre colonizadores e colonizados, a eliminação da autonomia do colonizado e a hegemonia sempre reforçada do colonizador, [...] o exercício constante da desmemorização das populações dominadas em relação à sua própria história, introduzindo a história do colonizador e incentivando uma nova memória que reorganiza a hierarquização dos homens de acordo com a norma do colonizador⁴.

O termo colonialismo surge como um patamar mais obscuro da colonização, com todos “os excessos”⁵ desse processo, um termo imbricado na essência do imperialismo, o qual renasce no Ocidente na emergência moderna. Esse período de colonização ficou marcado com a superioridade europeia sobre os habitantes de América e de África, tendo essa superioridade se exteriorizado por meio da expressão “fardo do homem branco” no poema do britânico Rudyard Kipling que ia ao encontro do imperialismo.

A presença de nações europeias em África já era uma realidade desde 1850, mas a partilha da África mostrou de fato a intenção colonialista, pois nessa mesma partilha a maioria dos estados africanos não teve poder de decisão.

Os dois únicos países que se mantiveram independentes foram a Etiópia e a Libéria, sendo que, no caso etíope, a vitória da resistência se deu numa batalha com a vitória obtida com facilidade contra os invasores italianos – a batalha de Adwa (Figura 1), pois a Etiópia era “um império de cultura

² BAIROCH, Paul. *Colônias*. Enciclopédia Einaudi: 7. Lisboa: INCM, 1986, p. 311 *apud* SEABRA, 2014, p. 32.

³ COQUERY-VIDROVITCH, Catherine (Org). *A Descoberta de África*. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 14-15.

⁴ HENRIQUES, Isabel Castro. *Colonialismo e História, Working Papers CesA/CSG*, n. 132. Lisboa: CesA – Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, 2015, p. 4.

⁵ HENRIQUES, 2015, p. 4.

e tradições milenares, que havia com sucesso repellido diversos invasores de seu território ao longo dos séculos”⁶.



Figura 1 – A Batalha de Adwa

Fonte: JONAS, Raymond Anthony. *The Battle of Adwa: african victory in the age empire*. Cambridge/Reino Unido: The Harvard University Press, 2011, p. 49.

Embora a Etiópia tivesse se mantido independente, perdeu o acesso ao mar para o Império Otomano em 1559. Durante a primeira tentativa de conquistar a Etiópia na Primeira Guerra Ítalo-Etíope de 1895-1896, a Itália acabou derrotada. Após a morte do imperador Yohannes IV⁷ na Batalha de Matama⁸ em 1889 desta mesma guerra, o exército se dividiu e o país passou por diversos problemas internos e epidemias de doenças, o que gerou um maior avanço italiano para o interior do império. O sucessor do referido imperador seria seu filho *Ras* Magasha, designado pelo próprio antes de sua morte, porém, Menelik – Menelik II⁹ – foi reconhecidamente escolhido pelos chefes por conta de seu conhecimento militar:

Em março de 1889, Menelik e Taytu estavam na cidade de Wuchale, visitando as propriedades de Taytu, quando chegaram as notícias da morte de Yohannes. Foi o momento que Menelik estava esperando. Ele imediatamente reivindicou o título imperial de *negusa negest*, rei dos reis. Era um título que Magasha considerava como legítimo dele, como filho de Yoannes. Magasha não apenas tinha linhagem em seu favor, ele também tinha precedente. Historicamente, a Etiópia tinha sido governada do norte, de Tigré. Esse processo reforçava a forte antipatia entre os povos do norte contra os do sul de Shoa.¹⁰

⁶ MARQUES, Alexandre Kohlrausch. Etiópia: um símbolo de africanidade. *Historien*, 4, Petrolina, out./abr. 2011, p. 277.

⁷ Yohannes IV (João IV) governou a Etiópia de 11 de julho de 1871 a 9 de março de 1889 e seu nome original era **Kassa Mercha**.

⁸ A Batalha de Matama foi uma batalha da Primeira Guerra Ítalo-Etíope.

⁹ Menelik II governou a Etiópia de 9 de março 1889 a 12 de dezembro de 1913 e seu nome original era **Dejazmach Menelik**.

¹⁰ In March 1889, Menelik and Taytu¹⁰ were in the town of Wichale, visiting one Taytu's properties, when news of the death of Yohannes reached them. It was the moment Menelik had been waiting for. He immediately claimed for himself the imperial title of *negusa negest*, king of kings. It was a title Magasha regarded as rightfully his, has the son of Yoannes. Not only did Magasha have lineage in his favor, he had procedent as well. Historically, Ethiopia had been ruled from the north, from Tigray. Bolstering that procedent was a strong antipathy among northerners against the south and Shoa. Cf. JONAS, Raymond Anthony. *The Battle of Adwa: african victory in the age empire*. Cambridge/Reino Unido: The Harvard University Press, 2011, p. 72, **tradução nossa**.

Nesse período ocorria a corrida pela partilha de África, mas mesmo assim a expansão¹¹ etíope continuou¹², pois “tentando compreender a importância dessas viagens exploratórias para os países europeus, é útil recordar que elas não só deram continuidade como aceleraram o processo de “roedura” do continente e tornaram acaloradas as discussões sobre a partilha¹³. Os grandes intentos da partilha da África são bem sabidos, pois “tanto a partilha quanto a ocupação efetiva foram impulsionadas pela concorrência entre várias economias industriais”¹⁴, e todo esse processo fez com que “o pensamento africano sobre a partilha e a conquista apresentasse uma composição de ideias fiel à prática política de negar a dominação da civilização branca, ocidental, sobre o mundo negro, o ‘inferno tenebroso’, isto é, a África”¹⁵, pelo fato de não ter sugido “como resposta de protonacionalismos africanos”¹⁶.

As relações entre a Etiópia e as nações europeias eram tranquilas e confortáveis até então, mas com a corrida europeia essas relações se deterioraram a partir de 1880.

Tendo como religião oficial o cristianismo, seguindo a linha monofisista¹⁷, e sendo Menelik II um imperador cristão, notadamente em sua fala se percebe a influência do cristianismo na história da Etiópia:

A Etiópia não precisa de ninguém: ela estende as mãos para Deus!¹⁸
A Etiópia estenderá as mãos para Deus! Bênção, promessa de glória! Nós depositamos confiança no Senhor e não na força dos carros e dos cavalos. E, certamente, ao verificar na história do nosso povo como ele foi preservado em seu país de exílio e como a nossa pátria

¹¹ Também a Etiópia se expandiu nos territórios somalis – nas zonas habitadas – e procurava controlar Ogaden e Houd. Uma das várias interpretações da história desta região sugere que, enquanto a invasão europeia era motivada por considerações imperialistas e capitalistas, a expansão da Etiópia era essencialmente “uma reação defensiva, devida ao estabelecimento de colônias europeias nas vizinhanças do país”. Segundo a mesma interpretação, como a Itália, o Reino Unido e a França avançavam para o interior a partir de suas respectivas posições no litoral, o imperador etíope, Menelik, “tentava mantê-los o mais longe possível do centro do seu império, no planalto, ampliando as suas próprias fronteiras. Cumpre todavia notar que a expansão para Shoan sob o reino de Menelik começara antes da chegada dos europeus à área, primeiro contra os Oromo, depois contra os somalis. Cf. AKPAN. In BOAHEN, 2010, p. 93-94.

¹² Cf. AKPAN, Monday B. Libéria e Etiópia, 1880-1914: a sobrevivência de dois Estados africanos. In BOAHEN, Albert Adu (Ed.). *História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 315. A própria rivalidade entre as potências europeias contribuíram para que Libéria e Etiópia se mantivessem firmes e independentes, e outra razão crucial foi seu poderio militar, que também garantiu a continuidade de sua expansão.

¹³ HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro: 2008, p. 59.

¹⁴ HERNANDEZ, 2008, p. 71.

¹⁵ HERNANDEZ, 2008, p. 79.

¹⁶ HERNANDEZ, 2008, p. 83.

¹⁷ **Monofisismo** (do grego: *monos* - "único, singular" e *physis* - "natureza") é o ponto de vista cristológico que defende que, depois da união do divino e do humano na encarnação histórica, Jesus Cristo, como encarnação do Filho ou Verbo (*Logos*) de Deus, teria apenas uma única "natureza", a divina, e não uma síntese de ambas. O monofisismo é contraposto pelo diofisismo (ou "diafisismo"), que defende que Jesus preservou em si as duas naturezas.

¹⁸ Fala do imperador Menelik II em 1893, cf. PANKHURST, 1976 *apud* AKPAN. In BOAHEN, 2010, p. 281.

foi preservada de invasões, somos forçados a exclamar: sim, até agora o Senhor nos socorreu.¹⁹

Assim, essa influência do cristianismo se mostra através da firme crença que tinham em Deus:

Uma razão decisiva para a sobrevivência da Libéria e da Etiópia foi a firme crença que tinham os povos de ambos os países de estarem destinados por Deus a sobreviver. Essa crença pesou muito para levá-los a resistir a todas as agressões e usurpações dos europeus.²⁰

Em 1889, o conde Pietro Antonelli “que assumiu a responsabilidade de persuadir Menelik, auxiliá-lo e cultivá-lo como aliado para o dia em que o trono estivesse vazio, e não acreditou em sua boa sorte”²¹, foi protagonista de uma aliança, foi “o autor intelectual por trás de uma estratégia obstinada e de longo prazo que finalmente estava idealizando. Ele tinha apoiado um vencedor. Ele imediatamente começou a estreitar o relacionamento”²².

Como consequência das boas relações do imperador Menelik II com a Itália, foi possível a assinatura de um tratado de paz em 2 de maio de 1889, o *Tratado de Wuchale* – tratado de paz e amizade perpétuos, o qual reconhecia Menelik II como o legítimo imperador da Etiópia, concedendo assim, em troca de reconhecimento, o poderio italiano na Eritreia e ainda mais algumas vantagens estratégicas:

O resultado foi um tratado, assinado em Wuchale (em italiano, Ucciali) em 2 de maio de 1889. O tratado reafirmou a abolição do tráfico de escravos na Etiópia (artigo 14) e deu preferência aos italianos no comércio com a Etiópia (artigo 18). No entanto, a parte mais importante foi o artigo 17. Segundo a Itália, este artigo obrigou a Etiópia a aceitar a representação italiana de seus interesses no exterior, equivalente a um protetorado italiano sobre a Etiópia. Mesmo que um artigo separado (artigo 19) proclamasse que as versões italianas e amáricas do tratado fossem “em perfeita concordância com cada ordem”, o desacordo sobre a versão amárica do artigo 17 tornaria-se a causa - ou pelo menos o pretexto - para a Guerra que culminaria na batalha de Adwa.²³

Porém, com o problema da interpretação de uma das cláusulas do tratado na língua italiana fez com que a Itália declarasse que a Etiópia era um protetorado italiano, e a tentativa de ocupação desse território culminou na Batalha de Adwa (Figura 3), cuja resistência abissínia fez de Menelik II conhecido por sua forte defesa (Figura 4) em prol da Etiópia em 1896.

¹⁹ Fala do historiador liberiano Edwards W. Blyden em 1862, cf. Blyden, 1864, p. 358 *apud* AKPAN, Monday B. Libéria e Etiópia, 1880-1914: a sobrevivência de dois Estados africanos. In BOAHEN, 2010, p. 281.

²⁰ BOAHEN, 2010, p. 313.

²¹ [...] who had assumed responsibility for courting Menelik, building him up and cultivating him as a client for the day the throne was vacant, couldn't believe his good fortune. Cf. JONAS, 2011, p. 73, **tradução nossa**.

²² [...]was the mastermind behind a dogged, long-term strategy that was finally paying off. He had backed a winner. He immediately set about formalizing the relationship. Cf. JONAS, 2011, p. 73, **tradução nossa**.

²³ The result was a treaty, signed in Wichale (in Italian, Ucciali) on 2 May 1889. The treaty reaffirmed the abolition of the slave trade in Ethiopia (article 14) and gave preference to Italians in trade and commerce with Ethiopia (article 18). However, the most important piece was article 17. According to Italy, this article obliged Ethiopia to accept Italian representation of its interests abroad, tantamount to an Italian protectorate over Ethiopia. Even though a separate article (article 19) proclaimed the Italian and Amharic versions of the treaty to be "in perfect concordance with each order", disagreement over the Amharic version of article 17 would become to cause - or at least the pretext - for the war that would culminate in the battle of Adwa. Cf. JONAS, 2011, p. 73, **tradução nossa**.



Figura 3 – A Batalha de Adwa

Fonte: JONAS, Raymond Anthony. *The Battle of Adwa: african victory in the age empire*. Cambridge/Reino Unido: The Harvard University Press, 2011, p. 61.



Figura 4 – Menelik em sua resistência pela Etiópia

Fonte: JONAS, Raymond Anthony. *The Battle of Adwa: african victory in the age empire*. Cambridge/Reino Unido: The Harvard University Press, 2011, p. 79.

O governo de Menelik II, apesar de ter sido um período de intensa entrada da Europa na África²⁴, proporcionou grandes mudanças na Etiópia, representando a base da modernização do país, pois “foi precisamente Menelik II que iniciou um programa nacional de modernização da Etiópia, dando ao povo luz elétrica, telefones e um sistema de escolas públicas”²⁵, e também:

²⁴ ROMERO, Zeus Moreno. Hailé Selassié I: um deus negro ou um imperador absolutista? In *Anais, XIII Encontro Estadual e História – ANPUH-PR*, VOL. 1, 12-15 de outubro de 2012, pp. 214-225, Londrina/PR, UEL, ANPUH.

²⁵ DAVIS, William B. Perspectiva Histórica do desenvolvimento cultural na Etiópia. *Afro-Ásia*, Salvador/BA, N. 8-9, 1969, p. 31.

Durante seu reinado de um quarto de século, o velho reconstruiu sua capital, abriu estradas, construiu linhas férreas, instalou telefones, promoveu a criação de bancos, escolas, saneamento, abastecimento de água, hospitais e um regime definido de direito e de ordem.²⁶

Assim, até por volta de 1880, os países africanos eram governados internamente por seus próprios reis e chefes locais. Porém, nos trinta anos que se seguiram, essa fato mudou radicalmente – com exceção de Etiópia e Libéria:

A África inteira vê-se submetida à dominação de potências europeias e dividida em colônias de dimensões diversas, mas de modo geral, muito mais extensas do que as formações políticas preexistentes e, muitas vezes, com pouca ou nenhuma relação com elas. Nessa época, aliás, a África não é assaltada apenas na sua soberania e na sua independência, mas também em seus valores culturais.²⁷

Deste modo, é possível observar como a Etiópia se manteve firme diante da dominação europeia pela qual a África foi submetida, sofrendo diversos prejuízos tanto na questão da soberania quanto em seus valores culturais.

2. O tratado de Adis Abeba e a anulação do tratado de Wuchale

O tratado de Wuchale, assinado em 2 de maio de 1889, que em italiano é *Uccialli*, selava um acordo de paz entre Itália e Etiópia, pois continha pontos favoráveis a ambos os lados. O referido tratado foi feito em duas versões, uma em italiano e outra em amárico, e essa diferença gerou interpretações distintas do artigo 17, o que causou um grande desconforto:

El tratado de Wuchale (o Uccialli, 1889), firmado com el emperador Menelik II de Etiopía, definió más tarde la frontera entre Etiopía y Eritrea. Como resultado de una curiosa interpretación de este tratado, Italia informo a las otras potencias europeas que Etiopía era un protectorado italiano.²⁸

A divergência em torno da interpretação do artigo 17 do tratado de Wuchale ocorreu porque no texto em amárico, a Etiópia “poderia recorrer à intermediação das autoridades italianas se quisesse estabelecer relações com outros países, ao passo que o texto em italiano “tornava esse recurso obrigatório”²⁹:

Em verdade, as palavras são insidiosas tanto na formulação dos atos jurídicos, como na elaboração das leis. Em tudo pode surgir a dúvida, a obscuridade. Não sem certa razão afirmou Malagrida [sic], depois repetido por Talleyrand [sic], que elas foram dadas ao homem para ocultar seu pensamento. Com malícia, dizia Lord Blackburne [sic] que o

²⁶ O GETULINO. Campinas, 20 de janeiro de 1924. p.02.

²⁷ BOAHEN, 2010, p. 3.

²⁸ Tratado Wuchale (ou Uccialli, 1889), assinado com II imperador Menelik da Etiópia, definiu a fronteira entre a Etiópia e a Eritreia mais tarde. Como resultado de uma curiosa interpretação do presente Tratado, a Itália informou às outras potências europeias que a Etiópia era um protetorado italiano. Cf. Uzoigwe, Godfrey. La división y conquista europeas. In DJOGBÉNOU, Fabien Adonon. *Antología de Estudios Africanos*, Vol. 2, Colonización y en busca de Estado, nación y democracia. Cidade do México/México: UNAM, 2003, p. 47.

²⁹ AKPAN, Monday B. Libéria e Etiópia, 1880-1914: a sobrevivência de dois Estados africanos. In BOAHEN, 2010, p. 301.

governo gosta dos circunlóquios, porque considera muito mais difícil fazer passar no parlamento uma lei redigida com clareza.³⁰

E essa falta de clareza e lacunas nos textos das leis muitas vezes ocorre aquando da transição entre a teoria e a prática da lei, quando a sua práxis precisa estar pareada com os fatos reais com os quais ela julgará, embora as mesmas sejam redigidas com zelo por parte do legislador, e que este “se socorra das expressões mais adequadas e dos vocábulos mais exatos, embora a construção da frase seja impecável, escoimada de qualquer vício”³¹.

Apesar disso, a relação entre ambas as nações continuaram boas. O imperador Menelik II mandou seu primo *Ras Makonnen* em uma missão diplomática para discutir sobre os termos do acordo de paz. Nessa ocasião foi assinado um novo tratado reconhecendo novamente Menelik II como soberano da Etiópia e ainda um empréstimo de um generoso valor.

Quando Menelik anuncia sua coroação, informam-lhe que não poderia receber o título de *Negus*³² e nem a Etiópia chamada de independente, haja vista que se tratava de um protetorado italiano. Claro que as outras potências europeias apoiaram a Itália, pois até mesmo os mapas passaram a nomear a Etiópia como Abissínia italiana.

Assim, começaram os desacordos, pois a Itália passou a avançar além dos limites acordados, fixando-se em Adwa, e ali permanendo até que os termos do acordo de paz na versão italiana fossem aceitos por Menelik. Este então denuncia o Tratado de Wuchale em 12 de fevereiro de 1893, anunciando o fato às nações europeias³³, tornando a guerra um fato iminente, eclodindo em dezembro de 1894:

Entre 1891 e 1894 a Grã Bretanha assinou com a Itália, três protocolos que fixavam as fronteiras entre a Etiópia e as colônias inglesas do Chifre da África e do Vale do Nilo. Enquanto isso, Menelik comprava fuzis e canhões na França e na Rússia e anexava várias províncias ao sul e sudoeste, formando o atual território da Etiópia. No início de 1893, Menelik informou às potências europeias que estava denunciando o Tratado de Ucciali. Naquele momento, ele já tinha acumulado 82 mil fuzis e 26 canhões. A guerra com a Itália começou no final de 1894.³⁴

Na realidade, o que se percebe é que os italianos subestimaram a relação inferioridade/superioridade entre italianos e etíopes, pois não levaram em conta a falta de

³⁰ MONTEIRO, Washington de Barros. Da interpretação das leis. *Revista da Faculdade de Direito*, Universidade de São Paulo, São Paulo, N. 57, Janeiro de 1962, p. 143.

³¹ MONTEIRO, 1962, P. 143.

³² **Negus** (Geez, nigūs, Amárico nigūs; cf. Tigrina negāš) era o título usado por um rei e às vezes por um governante vassalo no antigo Estado monárquico etíope, a antiga Abissínia. O termo é usado para traduzir a palavra "rei" em textos bíblicos e literários. É uma palavra derivada da antiga raiz semítica verbal N - G - Š, que significa "reinar". O último Negus Neguest etíope teria sido Hailé Selassié, que reinou de 1930 a 1974.

³³ AKPAN, Monday B. Libéria e Etiópia, 1880-1914: a sobrevivência de dois Estados africanos. In BOAHEN, 2010, p. 304.

³⁴ LAMY, Philippe. *A Ocupação Colonial da África. Da Conferência de Berlim à Primeira Guerra Mundial*. São Paulo, Brasília/Brasil: Secretaria de Relações Internacionais do PT, s/d., p. 28.

conhecimento deles próprios em relação ao território e a geografia do local e também não sabiam do armamento moderno que Menelik havia adquirido de França e Rússia (Figura 2):

Se acreditou, de fato, que a anarquia feudal, o extremo atraso econômico do país, o armamento e a organização rudimentar das forças armadas tornaram o velho império etíope um eventual adversário muito fraco, e subvalorizaram outras circunstâncias naturais e históricas, como o caráter montanhoso e impérvio do país e a grande qualidade militar dos abissínios, os quais por séculos tiveram êxito em repelir os assaltos de múltiplos invasores e em conservar sua fé cristã e sua tradicional cultura diante dos Estados islâmicos que quase os circundavam.³⁵



Figura 2 – Armamento etíope.

Fonte: JONAS, Raymond Anthony. *The Battle of Adwa: african victory in the age empire*. Cambridge/Reino Unido: The Harvard University Press, 2011, p. 59.

Menelik II obteve uma vitória esmagadora na batalha de Adwa em março de 1896 sobre os italianos, mostrando mais uma vez a resistência e a força desse governante e dos etíopes em defender sua independência:

Primeiro de março de 1896, não muito longe da cidade etíope de Adwa, um exército africano ganhou uma vitória espetacular sobre um exército europeu. Os africanos derrotaram os europeus antes - em Isandlwana, por exemplo -, mas estes provaram ser meros retrocessos nas conquistas, de outra forma inexoráveis. A vitória etíope sobre a Itália na batalha de Adwa foi decisiva: trouxe uma guerra de conquista italiana ao fim. Numa era de implacável expansão europeia, a Etiópia sozinha defendeu sua independência com sucesso.³⁶

³⁵ CANDELORO, Giorgio. *Storia dell'Italia moderna* (vol. VI-IX). Milão: Feltrinelli, 1987, p. 324 *apud* MARQUES, Alexandre Kohlrausch. *A Questão Ítalo-Abissínia: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Curso de Mestrado em História. Porto Alegre, 2008, p. 36.

³⁶ One the first of March, 1896, not far from the Ethiopian town of Adwa, an African army won a spectacular victory over a European army. Africans had defeated Europeans before - at Isandlwana, for example - but these proved to be mere setbacks in the otherwise inexorable conquests. Ethiopian victory over Italy at the battle of Adwa was decisive:

O resultado dessa batalha foi uma surpresa gigantesca para os italianos, pois foram para a guerra pensando que iam lutar contra um “bando de selvagens”, mas “o exército italiano que ele [Crispi] incitara ao combate foi destruído por uma força etíope vastamente superior”³⁷. Essa batalha se tornou a mais importante da África subsaariana, pois o imperador da Abissínia, Menelik, derrotou as forças italianas conquistando a independência da Etiópia numa batalha que “á época, foi a maior vitória de tropas coloniais irregulares, mas bem equipadas.”³⁸ Para os italianos, foi uma grande perda, pois a “Etiópia acabou com o exército italiano de 17 mil homens”³⁹, terminando com uma “estrondosa vitória de Menelik:

Durante os combates morreram 261 oficiais e 2918 suboficiais italianos, e aproximadamente 2 mil *askari* (soldados eriteus). Foram dados como desaparecidos 954 soldados italianos; os feridos somavam 470, sem contar 958 *askari*. No total, mais de 17000 do efetivo italiano foram mortos ou feridos, com perda de 11 mil fuzis e de todos os canhões. A derrota foi praticamente completa.⁴⁰

Essa grande vitória de Menelik II sobre seus adversários italianos foi selada com a assinatura do *Tratado de Addis Abeba*, em 26 de outubro de 1896, o qual anulava o antigo Tratado de Wuchale, reconhecendo então, finalmente, a independência completa da Etiópia:

Menelik argumentou que os italianos talvez não reconhecessem sua derrota e renovassem a luta no próximo ano. Por conseguinte, ele teve que descansar os homens e também arrecadar dinheiro, provisões e remunerações para a próxima campanha [...], os italianos ofereceram paz, concedendo a revogação do Tratado de Wuchale e o reconhecimento da independência soberana da Etiópia.⁴¹

Assim, “Ambas as condições foram incorporadas em um tratado de paz assinado em Addis Abeba em 26 de outubro de 1896, que também aceitou a fronteira Mareb da Eritréia”⁴², causando grande impacto na história da Etiópia, pois “O acordo fez muito mais do que garantir a Etiópia outra geração e a metade da independência realmente incontestável”⁴³.

Dessa forma, Menelik continua a expandir seu império e mantendo seu exército bem equipado. Assim, essa derrota passou a ser vista como uma grande vergonha para a Itália, colocando em vias de dúvidas a grande superioridade tão fortemente defendida pelos europeus diante dos povos africanos. Causou grande comoção e teve que deixar de lado as ambições de se tornar uma potência

it brought an Italian war of conquest to an end. In an age of relentless European expansion, Ethiopia alone had successfully defended its independence. Cf. JONAS, 2011, p. 1, **tradução nossa**.

³⁷ DICKIE, John. *Irmandades de Sangue: as origens das máfias italianas*. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 225.

³⁸ GIBBONS, David; EVANS, A. A. *A Compacta História das Guerras*. São Paulo: Universo dos Livros, 2017, p. 125.

³⁹ HAUGEN, Peter. *História do Mundo para leigos*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011, p. 138.

⁴⁰ HAUGEN, 2011, p. 305.

⁴¹ Menelik reasoned that the Italians might not acknowledge their defeat and renew the fighting the next year. He therefore had to rest his men and also raise money, supplies, and reinforcements for the next campaign [...] the Italians offered peace, conceding the abrogation of the Treaty of Wichale and recognition of Ethiopia's sovereign independence. Cf. MARCUS, Harold G. *A History of Ethiopia*. Londres/Reino Unido: University of California Press, 1994, p. 99, **tradução nossa**.

⁴² Both conditions were incorporated in a peace treaty signed in Addis Abeba on 26 October 1896, which also accepted Eritrea's Mareb frontier. Cf. MARCUS, 1994, p. 99, **tradução nossa**.

⁴³ The agreement did far more than guarantee Ethiopia another generation and one-half of virtually unchallenged independence. Cf. MARCUS, 1994, p. 100, **tradução nossa**.

colonial, sendo “obrigado a pagar reparações; milhares de prisioneiros de guerra foram submetidos a trabalhos forçados, na construção da capital, Adis Abeba”. E essa humilhação ainda perdurou por mais de quarenta anos⁴⁴.

3. O reinado de Hailé Selassié I e a luta pela manutenção da independência

Nos últimos anos do século XIX a Etiópia viveu muitas mudanças, pois Menelik sempre foi adepto às inovações, como percebeu o médico italiano De Castro, que o descreveu como “um soberano verdadeiramente amigo do progresso”⁴⁵.

Após a morte de Menelik II em 1913, seu neto Lij Iyasu (Iyasu V) subiu ao trono como imperador da Etiópia, mas foi deposto por uma assembleia de nobres juntamente com a Igreja Ortodoxa Etíope, por suspeita de ter se convertido ao islamismo. No lugar de seu neto, assumiu Zewditu, também filha de Menelik II, que morreria em 1930. Porém, mesmo com Zewditu ainda no trono, Ras Tafari já havia assumido a regência da Etiópia (em 1917), e foi investido como rei (negus) em 1928.

Em 2 de abril de 1930 sobe ao trono o imperador Hailé Selassié⁴⁶, o primo de Menelik II – Ras Makonnen, qua havia participado nas negociações de paz entre a Etiópia e Itália. O referido imperador tornou-se conhecido e foi alvo de muitas homenagens pelo fato de “dar continuidade aos esforços de Menelik II na modernização do país, com a promulgação da primeira Constituição da Etiópia, em 1931”, [...] pelo “combate a escravidão no interior do império”, e [...] “por ter promovido a entrada da Etiópia como membro da Liga das Nações⁴⁷, em 1923”⁴⁸.

Juntamente com a primeira consituição, Hailé Selassié I ofereceu ao povo também um Parlamento, um Senado e uma Câmara dos Deputados⁴⁹. Outras medidas que mostram que deu continuidade às ideias de Menelik II na modernização do país foram: reforçar a posição política da Etiópia face aos seus opositores; ampliar a centralização do poder, através da Constiuição promulgada em 1931, “estabelecendo maior autonomia do poder imperial em detrimento da nobreza, através de um sistema parlamentar bicameral, com senadores e deputados nomeados”; “buscou quebrar o histórico isolamento do império e garantir a existência do país como Estado independente, conseguir

⁴⁴ RAMME, Oliver. 1936: Tropas italianas ocupam Adis Abeba. *DW Made for Minds*. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/1936-tropas-italianas-ocupam-adis-abeba/a-312537>.

⁴⁵ DE CASTRO L. *Nella terra dei Negus, pagine raccolte in Abissinia*. Milão: Fratelli Treves, 1915, p. 162 *apud* Akpan, Monday B. Libéria e Etiópia, 1880-1914: a sobrevivência de dois Estados africanos. In BOAHEN, 2010, p. 310.

⁴⁶ Hailé Selassié governou a Etiópia de 2 de abril de 1930 a 2 de maio de 1936 e seu nome original era **Tafari Makonnen**. Depois de um período de ocupação italiana volta ao trono, e governa de 5 de maio de 1941 a 12 de setembro de 1974. Pela cronologia mitológica da Etiópia, pela Bíblia, Moisés se casou com uma mulher etíope. No século X a. C., a Rainha de Sabá – Makeda – visitou Salomão, o qual conquistou a Rainha através de sua sabedoria. Ambos tiveram um filho chamado Menelik I, que, mais tarde, com indicação do pai foi Rei da Etiópia, sendo inaugurada assim a Dinastia Salomônica, que foi continuada através do imperador, Sua Majestade Haile Selassié I, Rei dos Reis da Etiópia e Leão Conquistador da Tribo de Judá. Cf. VESTAL, Theodore M. *The Lion of Judah in the new world: Emperor Hailé Selassié of Ethiopia and the shaping of American's attitudes toward Afric*. Califórnia/EUA: ABC-CLIO, llc, 2011.

⁴⁷ LIGA das Nações. *Centenário da Independência. Anos 20. A Era Vargas*. CPDOC, FGV. Acedido em 01 de novembro de 2016, de <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/LigaDasNacoes>.

⁴⁸ MARQUES, 2011, p. 284.

⁴⁹ DAVIS, 1969, p. 31.

a admissão da Etiópia na liga das Nações em 1923”⁵⁰; “promulgou a libertação dos escravos em 1924 e o fim do comércio escravagista em 1931”⁵¹.

Outro importante fator que fez Hailé Selassié I ser conhecido como sucessor de Menelik II foi a força de resistência:

Mesmo em 1935, quando as forças imperialistas do regime fascista italiano de Mussolini invadiram e ocuparam a Etiópia, um dos dois últimos bastiões da esperança da África, o grande símbolo do seu desabrochar, do seu despertar, o continente parecia condenado a ficar para sempre sob o jugo do colonialismo. Mas isso não ocorreu. A capacidade de resistência do povo africano, a própria ocupação da Etiópia, a intensificação do movimento nacionalista africano e dos sentimentos anticolonialistas após a Segunda Guerra Mundial, ligadas ao aparecimento de novos partidos políticos de massa e de dirigentes mais engajados, que não procuravam melhorar o sistema colonial, mas, pelo contrário, suprimi-lo [...]”⁵²

Em 1935, a Itália de Benito Mussolini invade a região da Abissínia na Etiópia “sem uma declaração de guerra”⁵³ e mostra a fragilidade da Liga das Nações em evitar conflitos bélicos. Em 30 de junho do mesmo ano “O presidente americano Franklin Delano Roosevelt decreta um embargo de armas contra a Etiópia e a Itália”⁵⁴, e então, “Haile Selassie adverte a Liga das Nações dos perigos do apaziguamento”⁵⁵, mas, ainda assim, em maio de 1936 “A Itália anuncia a anexação da Etiópia e declara o rei da Itália como seu imperador”⁵⁶. Mesmo estando numa situação de inferioridade militar, os etíopes resistiram ao ataque e “Haile Selassie exorta os etíopes a lutar até o último homem contra o exército italiano invasor”⁵⁷, desapontando Mussolini, que havia planejado uma invasão rápida, e, por causa dessa resistência, os soldados italianos utilizaram armas químicas para contê-la, “não só contra o exército etíope, mas também contra a população civil”, causando milhares de mortos, pois utilizaram, por exemplo, “gás mostarda, proibido pelo Protocolo do Gás de Genebra, assinado por Itália e Etiópia, ademais de outros países, em 1925”⁵⁸. Apesar disso, negavam inicialmente o uso dessas armas:

No entanto, Roma eventualmente ignorou o protocolo e, em 10 de outubro de 1935, Rodolfo Graziani ordenou suas tropas para contratar armas químicas contra as tropas de Ras Nasibu em Gorraheí. Durante os meses seguintes, a Itália usou frequentemente substâncias químicas contra a Etiópia. Em resposta às críticas internacionais crescentes, Benito Mussolini negou

⁵⁰ ROMERO, 2012, p. 205.

⁵¹ LAMY, s/d, p. 29.

⁵² BOAHEN, Albert Adu. A África diante do desafio colonial. In BOAHEN, 2010, p. 17.

⁵³ [...]without a declaration of war. Cf. OFCANSKY, 2013, p. xxiv, **tradução nossa**.

⁵⁴ American president Franklin Delano Roosevelt enacts an arms embargo on Ethiopia and Italy. Cf. OFCANSKY, 2013, p. xxiv, **tradução nossa**.

⁵⁵ Haile Selassie warns League of Nations of the dangers of appeasement [...]. Cf. OFCANSKY, 2013, p. xxiv, **tradução nossa**.

⁵⁶ Italy announcesthe annexation of Ethiopia and declares the king of Italy as its emperor [...]. Cf. OFCANSKY, 2013, p. xxiv, **tradução nossa**.

⁵⁷ Haile Selassie urges Ethiopians to fight to the last man against the invading Italian army. Cf. OFCANSKY, 2013, p. xxiv, **tradução nossa**.

⁵⁸ ROMERO, 2012, p. 206.

inicialmente que a Itália usasse armas químicas, mas justificou por último usá-las como retaliação de atrocidades etíopes contra soldados italianos.⁵⁹

Diante de um conflito cruel e com tantas mortes, Hailé Selassié I, na posição de imperador, suplica a intervenção da Liga das Nações, proferindo o discurso que ficou sendo um dos mais conhecidos desse imperador:

Eu, Hailé Sélassie, Imperador da Etiópia, estou aqui para reclamar justiça para com meu povo, bem como a assistência que há oito meses passados prometeram a ele, quando, na ocasião, 50 nações concordaram que uma agressão, violando os tratados internacionais, havia sido cometida contra ele. Não há precedente de um chefe de estado ter vindo falar nessa assembléia, como não há precedente de um povo ser vítima de tal injustiça, estando no presente abandonado e colocado em risco de vida por seu agressor. Igualmente nunca se viu o exemplo de um governo proceder ao sistemático extermínio de uma nação por meios bárbaros, violando as mais solenes promessas feitas pelas nações da terra de não usar contra seres humanos inocentes as injúrias do gás venenoso. É para defender um povo que luta pela sua antiga independência que o chefe do Império Etíope veio até Genebra para cumprir com o seu dever, depois dele mesmo ter lutado no comando dos seus exércitos. Peço a Deus Todo-Poderoso que ele poupe às nações do terrível sofrimento que recentemente infringiram ao meu povo, sofrimento que os que me acompanham aqui foram testemunhas horrorizadas. É meu dever informar aos governos reunidos em Genebra da responsabilidade que eles têm sobre as vidas de milhões de homens, mulheres e crianças, do perigo mortal a que eles estão submetidos, descrevendo aqui o destino que sofre a Etiópia. O governo italiano não faz a guerra somente contra os guerreiros, mas contra toda a população, ainda que afastada das hostilidades, com a intenção de aterrorizá-los e exterminá-los. (...)⁶⁰

Haile Selassie solicitou uma votação na Liga para definir o rumo de seu império, mas quase que por unanimidade a Liga das Nações reconheceu a conquista da Itália ao Reino da Etiópia, não obtendo então êxito na sua luta contra a invasão de seu império, fato este que ficou bem consumado, pois em março de 1937 “A Liga das Nações não atende ao pedido de Haile Selassie de nomear uma comissão de inquérito para investigar crimes de guerra italianos na Etiópia”⁶¹:

Pouco adiantou o emocionado apelo do *Negus* diante da agressão fascista. Uma semana depois, a esquadra britânica se retirou do Mediterrâneo e, em 15 de julho, eram suspensas as sanções contra a Itália. [...] Os ideais de segurança coletiva e garantia de paz representados pela Liga haviam naufragado definitivamente. Seguir-se-iam então cinco anos de controle italiano do país.⁶²

Certamente a sessão de junho de 1936 foi a mais constrangedora que a Liga das Nações presenciou em sua curta trajetória, com *Negus* ao microfone dizendo que um ataque a um dos países

⁵⁹ However, Rome eventually ignored the protocol and, on 10 October 1935, Rodolfo Graziani first ordered his troops to employ chemical weapons against Ras Nasibu's troops at Gorraheí. During the following months, Italy frequently used chemical weapons against Ethiopia. In response to growing international criticism, Benito Mussolini initially denied Italy used chemical weapons but last justified using them as retaliation for Ethiopian atrocities against Italian soldiers. Cf. OFCANSKY, Thomas P.; SHINN, David H. *Historical Dictionary of Ethiopia*. Metuchen/EUA: Scarecrow Press, 2013, p. 95, **tradução nossa**.

⁶⁰ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Porto Alegre, 03 de julho de 1936, p. 2-4.

⁶¹ League of Nations fails to act on Haile Selassie's request to appoint an inquiry commission to investigate Italian war crimes in Ethiopia. Cf. OFCANSKY, 2013, p. Xxiv, **tradução nossa**.

⁶² MARQUES, 2008, p. 75.

membros da Liga deveria afetar a todos os membros e deveria ser sentida por todos, o que na realidade não ocorreu na prática.

Devido à grande pressão da invasão italiana, Hailé Selassié I decide fugir para a capital Adis Abeba em 30 de abril de 1936 e se exilou em Londres, enquanto as armas químicas preconizavam um verdadeiro genocídio na Etiópia, mas foi apenas uma derrota e não o fracasso de um país forte na resistência colonialista. Houve então um período de ocupação italiana na Etiópia, de 9 de maio de 1936 à 5 de maio de 1941.

Após a Itália entrar na Segunda Guerra Mundial, Selassie retorna à África e em 1941 derrota os italianos com ajuda britânica e restabelece seu poder em 5 de maio de 1941. Depois disso, ele promulga uma nova Constituição em 1955 e instala uma Assembléia nacional através de voto direto. Foi o líder mais influente na criação da Organização da Unidade Africana em 1963, governando a Etiópia até 12 de setembro de 1974.

Considerações finais

Buscamos nesse ensaio fazer uma análise histórica da história da Etiópia, à luz do processo de resistência etíope pela conservação da independência entre fins do século XIX e início do século XX, mais especificamente durante o reinado de Menelik II e Haile Sellasie I.

Dentre todos os movimentos nacionalistas africanos, a Etiópia destaca-se por conseguir resistir ao colonialismo europeu, juntamente com a Libéria. As tentativas foram muitas, mas o povo resistiu juntamente com a sua liderança. Afinal, os etíopes, devido às circunstâncias históricas, tinham grande qualidade militar, devido ao fato de ter que se repelir de assaltantes e invasores para conservar sua cultura diante dos Estados Islâmicos⁶³. E essa cultura de resistência foi aliada em seu movimento de resistência colonialista:

Todo homem é produto de sua cultura. A cultura é resultante da conduta de qualquer sociedade, inclusive seus artefatos, sabedoria acumulada e critério de valores, nos quais seus membros convivem. Também a expressão das artes, da vida familiar, recordações da infância, casamento e côrte, educação, ocupações, governo, em suma – é a herança total da sociedade, potencialmente valorizada pelos seus membros.⁶⁴

As sociedades mudam com o tempo, e principalmente falando-se de África, seu povo precisou muitas vezes reinventar-se e renascer de cinzentas guerras, de processos como colonização, descolonização e principalmente da escravidão. Por isso, podemos dizer que a sociedade africana não é algo estático, é um caminho ainda em construção, que não pode ser considerado consolidado:

É verdade, é claro, que a identidade africana ainda está em processo de formação. Não há uma identidade final que seja africana. Mas, ao mesmo tempo, existe uma identidade nascente. E ela tem um certo contexto e um certo sentido. Porque, quando alguém me encontra, digamos, numa loja de Cambridge, ele indaga: “Você é da África?” O que significa

⁶³ CANDELORO, 1987, p. 324 *apud* MARQUES, 2008, p. 36.

⁶⁴ DAVIS, 1969, p. 29.

que a África representa alguma coisa para algumas pessoas. Cada um desses rótulos tem um sentido, um preço e uma responsabilidade⁶⁵.

Nesse sentido, há que se entender que, tempos após os processos de colonização e descolonização, começa a existir uma verdadeira identidade africana, pois:

Toda identidade humana é construída e histórica; todo o mundo tem seu quinhão de pressupostos falsos, erros e imprecisões que a cortesia chama de “mito”, a religião, de “heresia”, e a ciência, “de magia”. Histórias inventadas, biológicas inventadas e afinidades culturais inventadas vêm junto com toda identidade; cada qual é uma espécie de papel que tem que ser roteirizado, estruturado por convenções de narrativa a que o mundo jamais consegue conformar-se realmente.⁶⁶

Referências

APPIAH, Kwane Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BAIROCH, Paul. *Colônias*. Enciclopédia Einaudi: 7. Lisboa: INCM, 1986, pp. 304-325.

BOAHEN, Albert Adu (Ed.). *História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO, 2010.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine (Org.). *A Descoberta de África*. Lisboa: Edições 70, 2004.

DAVIS, William B. Perspectiva Histórica do desenvolvimento cultural na Etiópia. *Afro-Ásia*, Salvador/BA, N. 8-9, 1969, pp. 29-34.

DE CASTRO L. *Nella terra dei Negus, pagine raccolte in Abissinia*. Milão: Fratelli Treves, 1915.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Porto Alegre, 03 de julho de 1936.

DICKIE, John. *Irmandades de Sangue: as origens das máfias italianas*. Lisboa: Edições 70, 2011.

DJOGBÉNOU, Fabien Adonon. *Antología de Estudios Africanos*, Vol. 2, Colonización y en busca de Estado, nación y democracia. Cidade do México/México: UNAM, 2003.

GIBBONS, David; EVANS, A. A. *A Compacta História das Guerras*. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.

HAUGEN, Peter. *História do Mundo para leigos*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.

HENRIQUES, Isabel Castro. *Colonialismo e História, Working Papers Cesa/CSG*, n. 132. Lisboa: Cesa – Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, 2015.

⁶⁵ Achebe, Chinua. Entrevista com Anthony Appiah, D. A. N. Jones e John Ryle no *Times Literary Supplement*, 26 de fevereiro de 1982 *apud* APPIAH, Kwane Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 241.

⁶⁶ APPIAH, 1997, p. 243.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro: 2008.

JONAS, Raymond Anthony. *The Battle of Adwa: african victory in the age empire*. Cambridge/Reino Unido: The Harvard University Press, 2011.

LAMY, Philippe. *A Ocupação Colonial da África. Da Conferência de Berlim à Primeira Guerra Mundial*. São Paulo, Brasília/Brasil: Secretaria de Relações Internacional do PT, s/d.

LIGA das Nações. *Centenário da Independência. Anos 20. A Era Vargas*. CPDOC, FGV. Acedido em 01 de novembro de 2016, de <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/LigaDasNacoes>.

MARCUS, Harold G. *A History of Ethiopia*. Londres/Reino Unido: University of California Press, 1994.

MARQUES, Alexandre Kohlrausch. *A Questão Ítalo-Abissínia: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Curso de Mestrado em História. Porto Alegre, 2008.

MARQUES, Alexandre Kohlrausch. Etiópia: um símbolo de africanidade. *Historien*, 4, Petrolina, out./abr. 2011.

MONTEIRO, Washington de Barros. Da interpretação das leis. *Revista da Faculdade de Direito*, Universidade de São Paulo, São Paulo, N. 57, Janeiro de 1962, 141-151.

O GETULINO, Campinas, 20 de janeiro de 1924.

OFCANSKY, Thomas P.; SHINN, David H. *Historical Dictionary of Ethiopia*. Metuchen/EUA: Scarecrow Press, 2013.

RAMME, Oliver. 1936: Tropas italianas ocupam Adis Abeba. *DW Made for Minds*. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/1936-tropas-italianas-ocupam-adis-abeba/a-312537>.

ROMERO, Zeus Moreno. Hailé Selassié I: um deus negro ou um imperador absolutista? In *Anais, XIII Encontro Estadual e História – ANPUH-PR, VOL. 1, 12-15 de outubro de 2012*, pp. 214-225, Londrina/PR, UEL, ANPUH.

SEABRA, Jorge. *África nossa: o império colonial na ficção cinematográfica portuguesa (1945-1974)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

VESTAL, Theodore M. *The Lion of Judah in the new world: Emperor Hailé Selassié of Ethiopia and the shaping of American's attitudes toward Afric*. Califórnia/EUA: ABC-CLIO, llc, 2011.